

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Maio de 2022

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	6
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	10
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	17
METODOLOGIA.....	19

SUMÁRIO EXECUTIVO

Após encerrar o primeiro trimestre de 2022 em queda, a Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) reagiu pelo segundo mês consecutivo ao avançar 0,3% na passagem do mês. Apesar da alta, o ritmo de recuperação é gradativo, inclusive, desacelerou neste mês- o índice permanece em níveis extremamente baixos (53,8 pontos), consolidando dois anos sucessivos nesse patamar. Além disso, o nível de consumo segue inferior ao período pré-crise, queda de 52,0% frente a fevereiro de 2020.

No comparativo anual, houve crescimento de 4,56%, reforçando a tendência de recuperação devido ao cenário epidemiológico mais positivo. A elevação no consumo em maio pode ser oriunda do mercado de trabalho mais aquecido, dos impactos da ômicron mais curtos e fracos e dos novos estímulos fiscais, como ampliação da Bolsa famílias/Auxílio Brasil; adiantamento de 13º salários aos beneficiários do INSS; pagamento do abono salarial de 2020, adiado do fim de 2021 para início de 2022, e o saque de R\$ 1 mil do FGTS.

O resultado positivo do mês alcançou a maioria dos componentes do ICF, sendo que nível de consumo atual foi o destaque ao crescer 2,49%, mas permanece sendo o índice mais impactado pela crise, com perdas de 90,6% frente ao período pré-crise da pandemia.

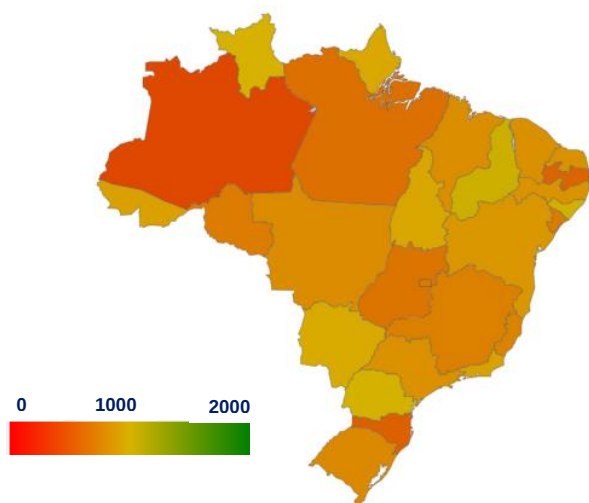
Do lado negativo, houve queda em relação a renda atual (-1,21%) e acesso ao crédito (-0,46%). A inflação e os juros elevados impactam diretamente esses componentes. Além disso, os consumidores catarinenses estão mais inseguros quanto aos próximos meses e indicando queda no consumo, já que o índice das perspectivas de consumo retrocedeu pelo segundo mês consecutivo.

Intenção de Consumo das famílias catarinenses avança, mas em ritmo gradativo

O indicador ficou em 53,8 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	mai/21	abr/22	mai/22	Variação mensal	Variação anual - Igual período	Variação - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	64,3	61,8	62,3	0,80%	-3,13%	-49,6%
Perspectiva Profissional	143,2	79,4	72,9	74,5	2,29%	-6,15%	-47,9%
Renda Atual	121,3	51,6	81,2	80,2	-1,21%	55,37%	-33,9%
Acesso ao Crédito	110,0	56,9	62,8	62,5	-0,46%	9,86%	-43,2%
Nível de Consumo Atual	92,2	21,2	8,5	8,7	2,49%	-58,84%	-90,6%
Perspectiva de consumo	111,1	41,8	52,0	51,9	-0,08%	24,22%	-53,3%
Momento para duráveis	83,2	44,7	36,0	36,1	0,40%	-19,16%	-56,6%
ICF	112,1	51,4	53,6	53,8	0,32%	4,56%	-52,0%

Índice do ICF por Estado – Maio de 2022



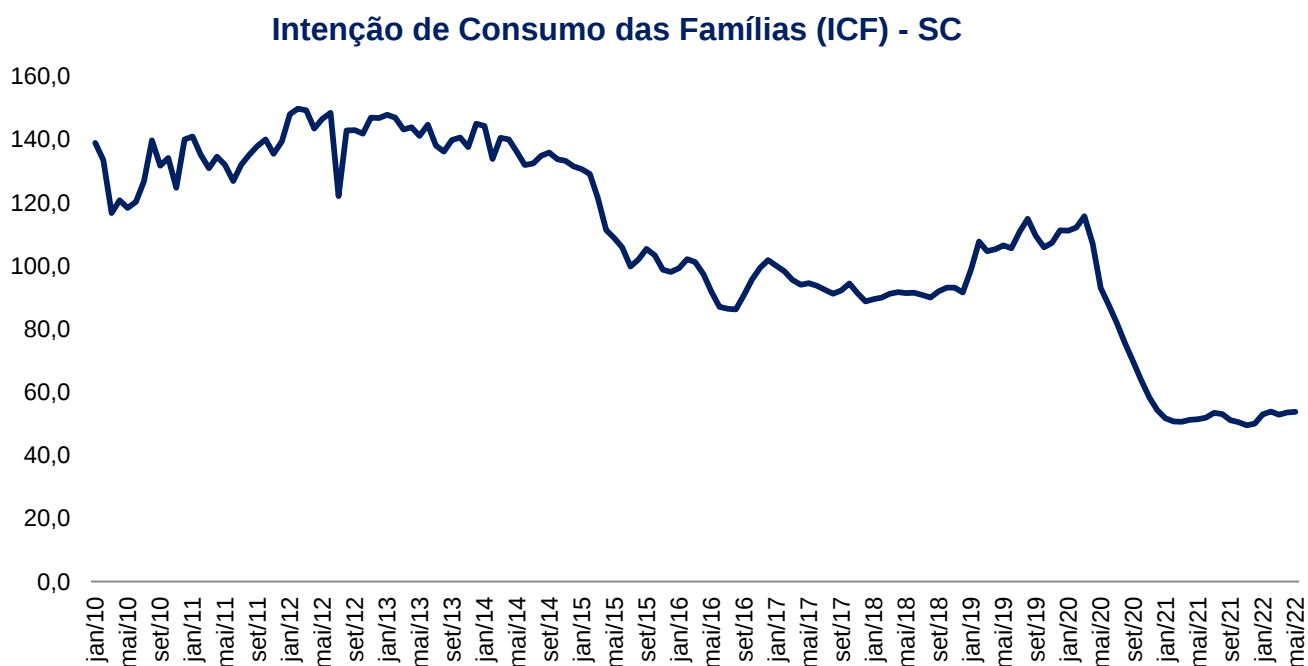
Intenção de Consumo das Famílias (ICF) catarinenses mantém recuperação ao crescer 0,32% na passagem do mês. Apesar do resultado positivo, o ritmo desacelerou na comparação com o mês anterior, quando houve alta de 1,4%. Ainda, a variação média mensal da intenção de consumo durante o ano é positiva (1,51%), resultado oposto a igual período de 2021, quando a média era de -1,06%, condição que reforça a retomada.

A tendência de recuperação observada em Santa Catarina ocorreu em outras quatorze unidades da federação, por isso, o nível otimista avança no país. Em maio, quatro (Piauí, Paraná, Alagoas e Roraima) permanecem com índice acima dos 100 pontos.

Em 2022, mesmo com as condições financeiras mais apertadas devido à inflação elevada e os juros altos, a confiança das famílias foi reforçada pelo mercado de trabalho aquecido, os impactos da ômicron mais curtos e fracos e os novos estímulos fiscais, como ampliação da Bolsa famílias/Auxílio Brasil;

adiantamento de 13º salários aos beneficiários do INSS; pagamento do abono salarial de 2020, adiado do fim de 2021 para início de 2022 e o saque de R\$ 1 mil do FGTS.

Mesmo que Santa Catarina apresenta trajetória de recuperação, a intenção permanece em nível pessimista ao situar-se em 53,8 pontos. Com esse resultado, as famílias mantêm o ciclo de patamar negativo em termos absolutos pelo vigésimo quinto mês consecutivo, o maior movimento negativo desde o início da série histórica em janeiro de 2010, superando o ciclo que ocorreu entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2019. Além disso, o panorama atual é mais grave, pois as perdas são mais acentuadas, naquele momento o índice mínimo foi de 88,7 pontos, já nesta fase, o índice atingiu 49,5 pontos. Assim, a deterioração do consumo durante a crise segue elevado e o índice está 52,0% abaixo do período pré-crise.



No comparativo anual, houve alta de 4,6%, após avançar 4,7% em abril do ano corrente. A trajetória positiva alcança o quinto mês consecutivo, tendência que foi iniciada em janeiro, quando o índice reverteu o movimento negativo que ocorria desde maio de 2020, ou seja, foram vinte meses sucessivas quedas.

Esse resultado fortalece o sinal de recuperação das famílias diante de um contexto epidemiológico mais estável comparado a 2021 e 2020.

Em maio, a maioria dos indicadores que compõem o ICF cresceu na passagem do mês, com destaque para o nível do consumo atual (2,49%) e a perspectiva profissional (2,29%). Porém, do lado negativo, o componente renda atual e acesso ao crédito interromperam movimento positivo ao caírem 1,2% e 0,5% diante do mês anterior, respectivamente.

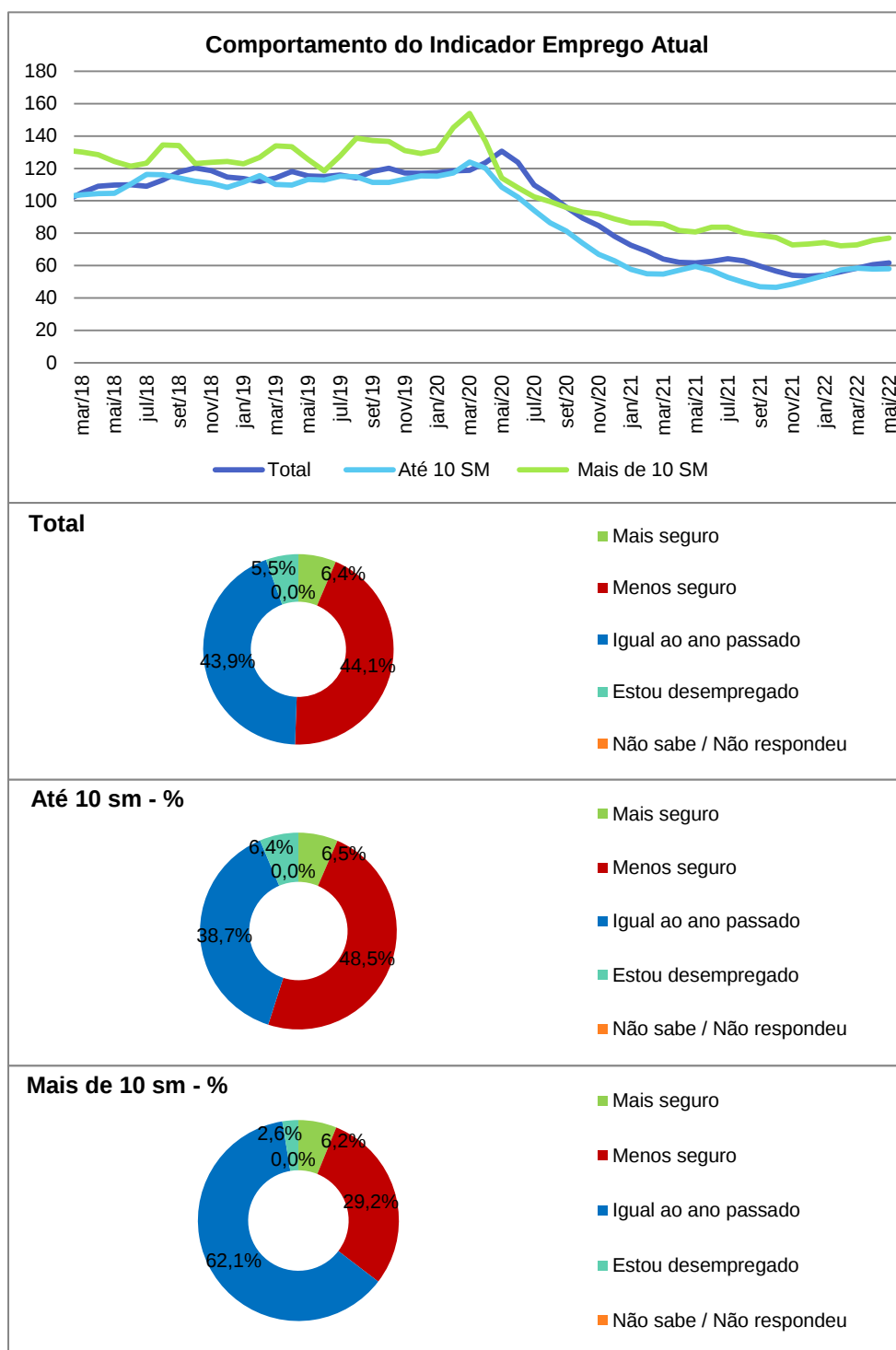
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina, também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** mantém trajetória de crescimento pelo sétimo mês consecutivo, ainda, acelerou a recuperação ao crescer 0,8% diante do mês anterior, após alta de 0,3%. Desde outubro de 2021, quando atingiu o menor patamar da série histórica em termos absolutos (53,4 pontos), o índice apresenta resultados positivos, assim, a taxa média de crescimento nesse período foi de 2,2%.

Esse cenário está em linha com o mercado formal de emprego no Estado, que avançou fortemente em 2021 e recuperou grande parte dos postos de trabalho, ao criar 167.854 novas vagas de emprego, o quinto

melhor resultado em número absoluto dentre as unidades da federação. Em



2022, o mercado de trabalho segue aquecido, ao criar 74.674 novos postos de trabalho entre janeiro e maio, impulsionado, principalmente, pelo setor de serviço (+38.805), que representou 52% do total de postos criados.

Nota-se, apesar do desempenho favorável, o índice está 49,6% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020), assim, as famílias estão mais inseguras neste mês no emprego atual do que no início da crise. Desta forma, a condição dos consumidores que persiste pessimista, ao situar-se em 62,3 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ainda, o indicador completa 23 meses consecutivos em patamar negativo, o maior intervalo de insegurança e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego.

Ao analisar o mesmo período do ano anterior, a trajetória de queda chegou ao 25º mês consecutivo, ao cair 3,1% diante de maio de 2021. A insegurança das famílias é notada pelas respostas dos entrevistados, onde 44,1% deles indicam estarem menos seguros na permanência do Emprego Atual e apenas 6,4% se sentem mais seguros no emprego. Em maio de 2020, primeiros meses da crise da pandemia no Estado, 37,1% das famílias indicaram estar mais seguras no emprego atual, situação distinta da deste ano. Outro fator oposto é a quantidade de desemprego, naquele momento a pesquisa apontou 12,0%, enquanto que neste mês, foram 5,5%.

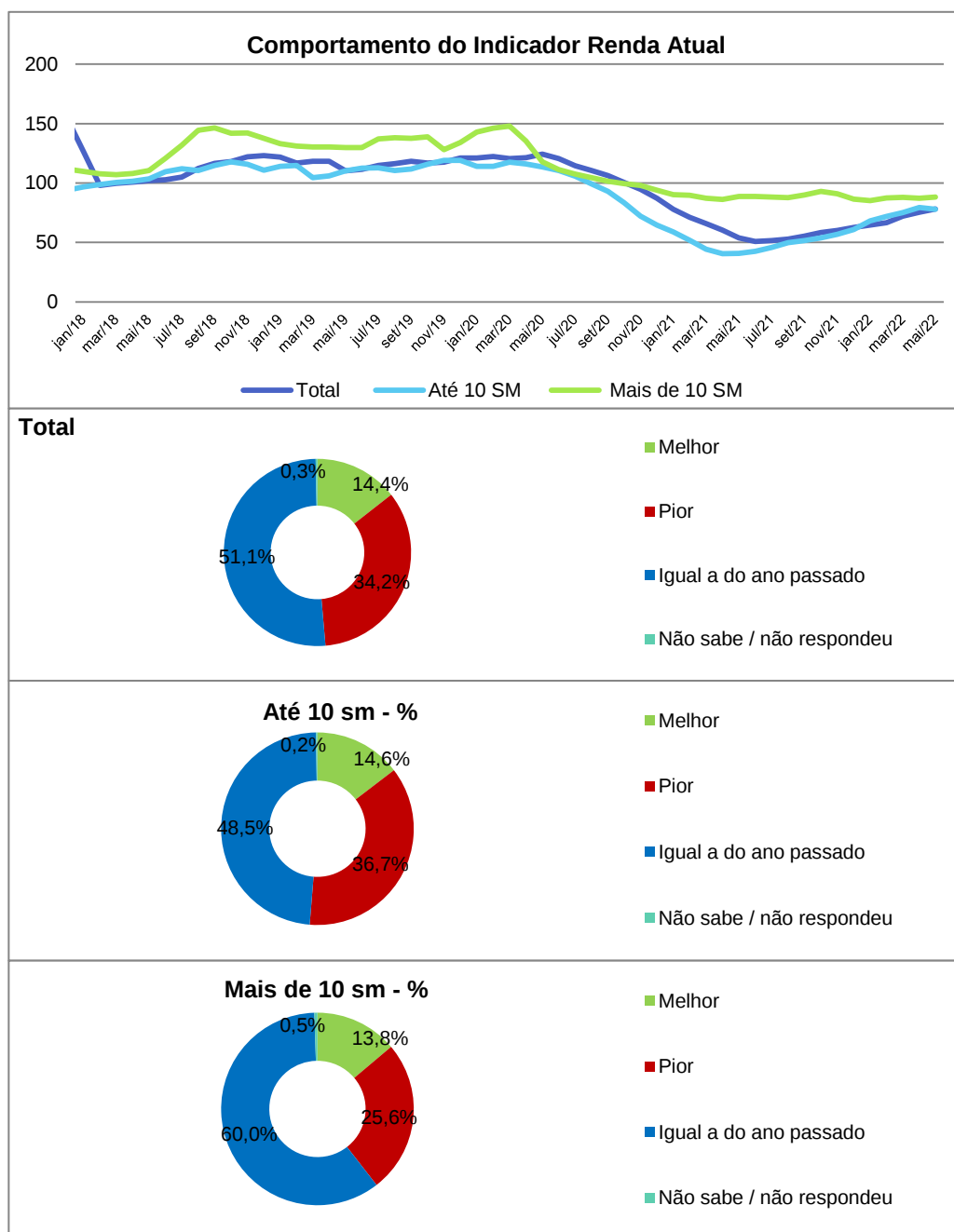
Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 58,0 pontos, aumento de 0,39% frente ao mês anterior. Já para a faixa acima de 10 SM o índice é de 76,9 pontos, crescimento de 1,87% frente a abril do ano corrente, terceiro resultado positivo seguido. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição

equivalente ao ano passado (62,1%) para a permanência no emprego atual, enquanto 48,5% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O indicador da **Renda Atual** interrompeu a trajetória positiva que permanecia por doze meses consecutivos, ao retroceder 1,2% na passagem do mês, inclusive, foi o componente do ICF com o maior impacto negativo em maio. Embora tenha revertido a tendência, o índice menos afetado pela crise entre os demais indicadores do ICF, ao estar 33,9% menor que em fevereiro de 2020.

O resultado positivo dos últimos meses não foi suficiente para reverter o nível de

confiança, que segue pessimista, ao situar-se em 80,2 pontos. Na variação anual, a renda atual desacelerou o movimento ascendente ao avançar 55,4%



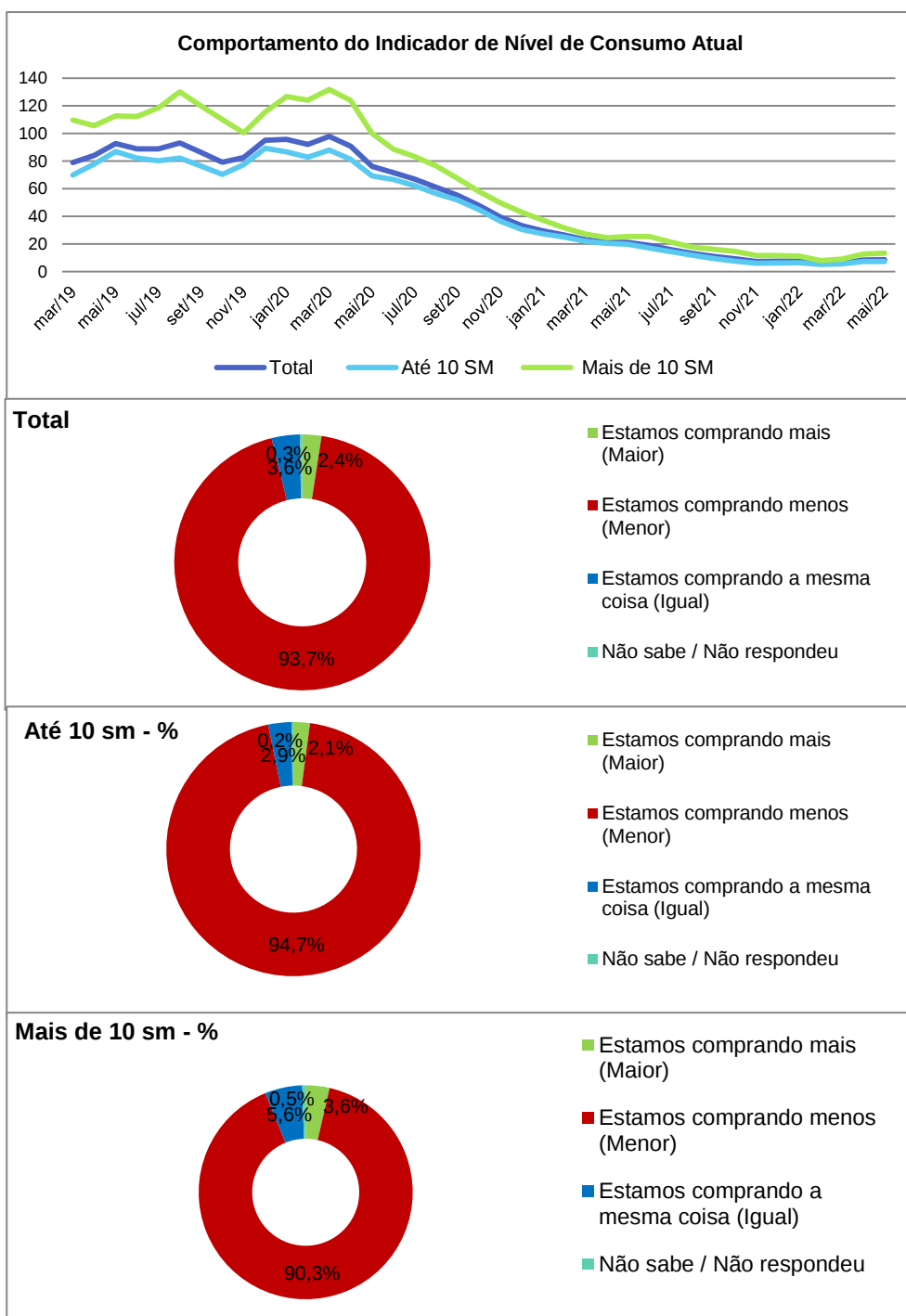
frente a igual período de 2021. Esse resultado deve-se à base de comparação reduzida devido aos efeitos da segunda onda do COVID-19, momento mais grave da crise que resultou na sobrecarga do sistema de saúde no Estado.

Ao analisar as respostas dos entrevistados, observa-se que a maioria indica estar com renda igual à do ano passado (51,1%), mas ainda 34,2% deles estão com renda pior que o ano anterior.

Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 25,6% das famílias com renda acima de 10 SM, que afirmam ter renda pior que no ano anterior, enquanto 36,7% das famílias com renda menor que 10 SM indicam essa condição. Ainda, no movimento mensal há divergência entre os grupos de rendas, enquanto o grupo com renda acima de 10 SM avançou 1,1% diante do mês anterior, o grupo de renda menor reduziu 1,94% frente a abril.

CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** está em trajetória de recuperação desde fevereiro deste ano, período que atingiu o menor nível da série histórica (5,9 pontos). Em maio de 2022, o ritmo de crescimento do ICF desacelerou, ao avançar 2,5% diante do mês anterior, após alta de 34,0% em abril. Entre janeiro e maio, a taxa positiva foi predominante em três meses, somente em janeiro e fevereiro houve retração, por consequência, a variação mensal média do nível de consumo foi de 4,58%, a maior taxa dentre os componentes do ICF.



Esse resultado é oposto ao mesmo período do ano anterior, quando a média mensal para o mesmo período ficou em -8,6%, condição que reforça a retomada.

Esse movimento positivo é o maior desde abril de 2020, quando o componente começou o ciclo de quedas que durou por 20 meses seguidos. Apesar disso, o ritmo de crescimento é gradativo e por isso o nível de consumo atual é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de igual período de 58,84% e 90,6% diante de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). Assim, o consumo atual deste mês permanece em nível pessimista ao situar-se em 8,7 pontos, o oitavo menor resultado da série histórica iniciada em janeiro de 2010.

No ano passado, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa. Importante notar que o índice já estava em patamares negativos, mesmo antes da pandemia, e sofre efeitos desde a crise de 2015 e 2016, não recuperando a confiança otimista desde fevereiro de 2015. Mas o ciclo da pandemia é mais crítico por estar marcado por mínimas históricas da série.

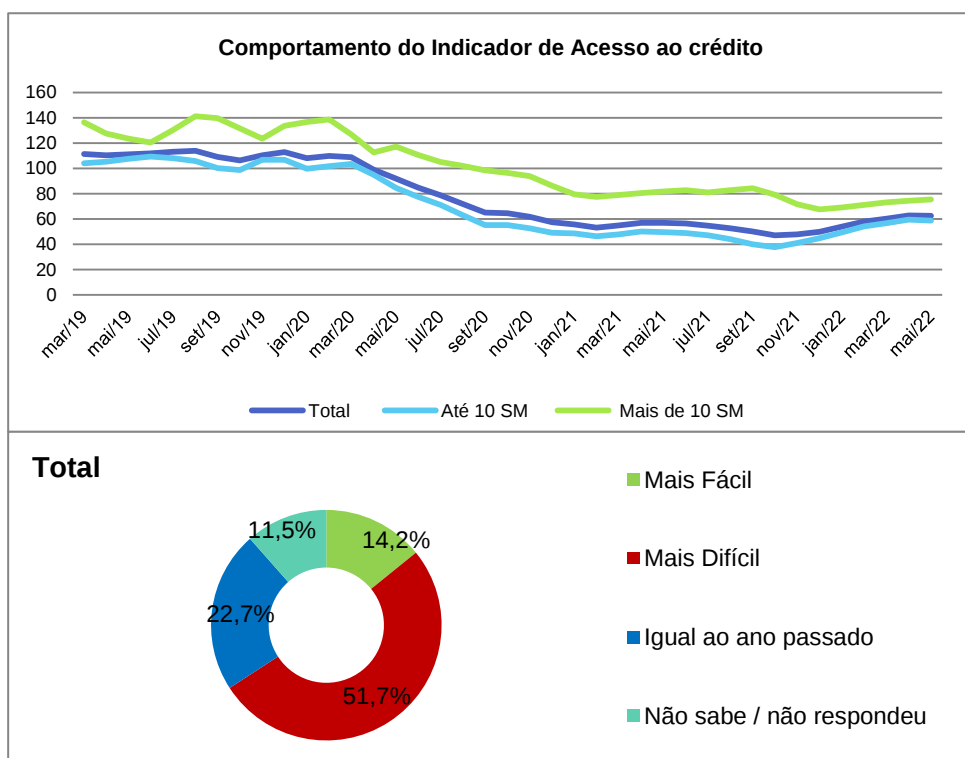
Nota-se que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também está em ciclo de mínimas históricas série neste mês em termos absolutos, alcançando 7,4 pontos na menor renda e 13,3 pontos na maior. No mês, ambas as faixas de renda apresentaram elevação frente ao mês anterior, alta de 1,4% na menor e 4,5% na maior faixa de renda, movimento positivo que ocorreu por três meses sucessivos.

A deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores, resultado similar ao mês anterior. A pesquisa aponta que 93,7% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, alta de 10 p.p. frente a igual período do ano anterior (83,7%). Ainda, em maio somente

2,4% afirmam estarem comprando mais que antes, queda de 2,4 p.p. diante de maio de 2021. Valores opostos na comparação igual período do ano de 2020, onde 43,4% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 19,6% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é semelhante para ambos os grupos em maio, mas com mais impacto ao grupo de menor renda. São 90,3% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 94,7% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam esta condição. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada.

O componente de **Acesso ao Crédito** cessou movimento positivo, ao reduzir 0,5% diante do mês anterior. Esse foi o primeiro resultado negativo do ano de 2022, por isso o índice é o segundo com melhor desempenho na média mensal de variação, com crescimento médio de 4,6%. Esse movimento positivo ocorreu depois que o componente atingiu o menor



patamar da série histórica da pesquisa em outubro de 2021 (47,1 pontos), conforme observado também no componente apresentado anteriormente. No

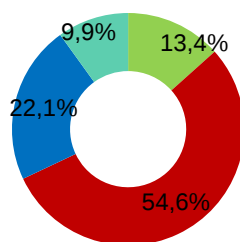
comparativo anual, desacelerou a trajetória de crescimento com alta de 9,9%, após avançar 1,01% em abril, essa é a quarta elevação consecutiva.

Entretanto, o resultado é insuficiente para reverter as perdas da pandemia, por isso o índice está 43,2% abaixo do patamar pré-crise. Além disso, a confiança das famílias permanece em nível pessimista ao situar-se em 62,5 pontos.

O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março

de 2021, que resultou na elevação da taxa de 2,0% (mínima histórica) para 13,25% ao ano. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir 13,75% em 2022. Ainda que a elevação das taxas de juros sugira maior restrição ao crédito, o avanço nesse indicador pode estar ligado à ampliação da liquidez no sistema financeiro para novos empréstimos e financiamentos, medida econômica realizada no início da pandemia, mas que ainda persiste. Além disso, as famílias catarinenses estão apresentando certo equilíbrio orçamentário, resultado demonstrado na pesquisa de endividamento e inadimplência realizada pela entidade. Em maio, as famílias com dívidas e que afirmam estarem “muito endividadas” atingiram 4,0% dentre os endividados, queda de 0,3 p.p. na passagem do mês. Na comparação com igual período do ano anterior, houve redução de 3,00 p.p., mas a queda é mais expressiva ao analisar antes da pandemia, quando o índice estava em 10,8% em 2018 e 9,8% em 2019 para igual período. Apesar da elevação na quantidade

Até 10 sm - %



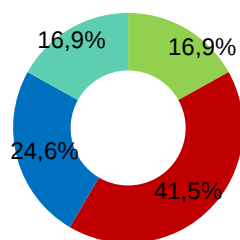
Mais Fácil

Mais Difícil

Igual ao ano passado

Não sabe / não respondeu

Mais de 10 sm - %



Mais Fácil

Mais Difícil

Igual ao ano passado

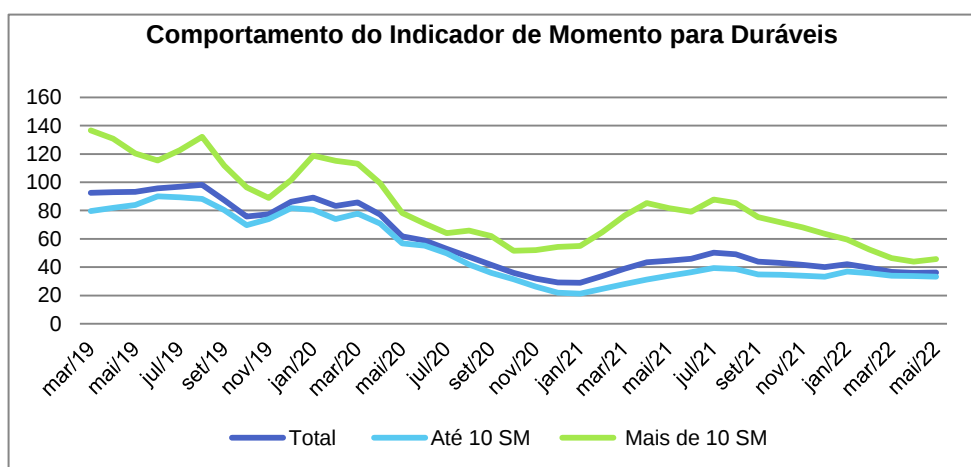
Não sabe / não respondeu

de famílias endividadas, o grau de endividamento não é elevado, assim, diminuindo o risco de inadimplência. Esses fatores impulsionaram a probabilidade de acessar o crédito ou realizar compras de bens e serviços de forma parcelada.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil atingiu 51,7% dos entrevistados no mês de maio de 2022, enquanto 14,2% acreditam que seja mais fácil o acesso ao crédito. Na comparação com o grupo de renda, a tendência de crescimento é notada para o grupo de maior renda (+1,2%), inclusive, mantém trajetórias de crescimento por cinco meses consecutivos. A proporção de entrevistados com renda maior que acredita que o acesso ao crédito está mais fácil foi de 16,9%, enquanto 41,5% acreditam que está mais difícil.

Por outro lado, o grupo de menor renda está em cenário oposto, ao reduzir 1,1% na passagem do mês interrompeu a trajetória de crescimento que era mantida desde novembro de 2021. As respostas dos entrevistados confirmam a maior dificuldade das famílias com renda menor em buscar crédito no mercado, são 54,6% deles indicando dificuldade no acesso e 13,4% considerando o acesso mais fácil. Em nível de pontos, ambos seguem apontando patamares pessimistas, 75,4 pontos e 58,8 pontos, respectivamente.

O **momento para duráveis** estava em trajetória negativa desde fevereiro deste ano, entretanto, ao crescer 0,4% diante de abril, cessou o movimento. Apesar do resultado positivo, a média de crescimento mensal é negativa em -2,0% entre janeiro e maio, o pior resultado dentre os componentes do ICF é a única negativa. No

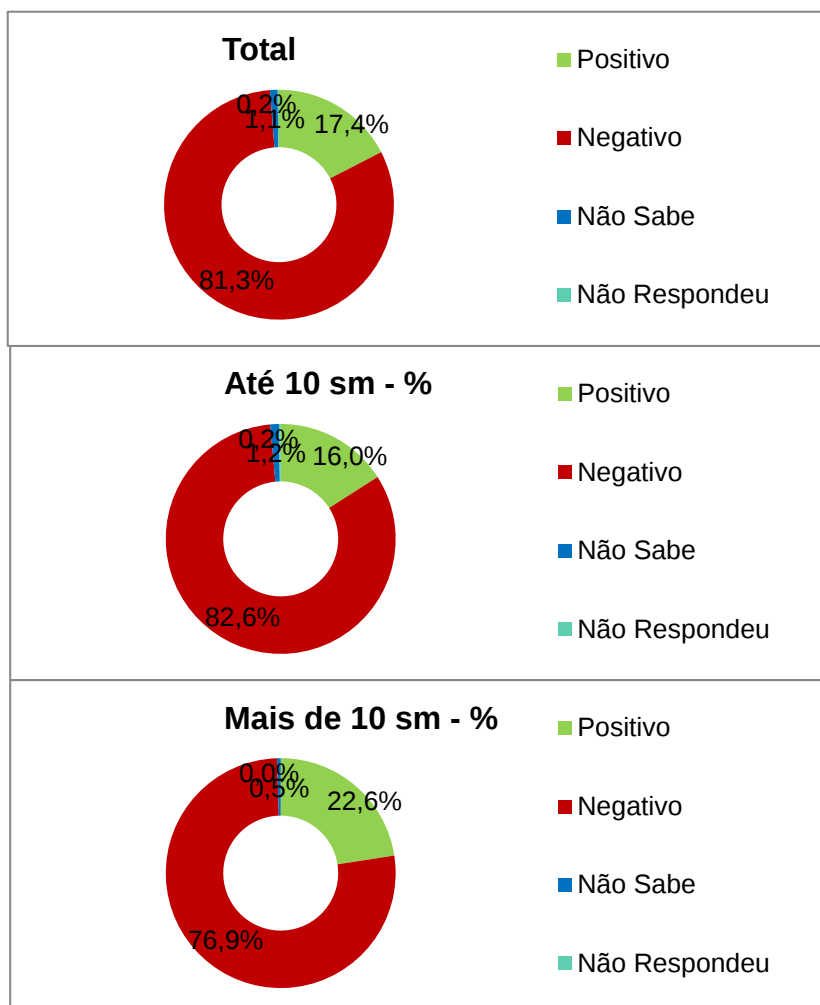


comparativo anual, o índice retrocedeu 19,2%, terceira queda consecutiva. Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 65 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia.

Em maio o índice foi de 36,1 pontos. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos, mas as medidas físicas de redução do

imposto industrializado para bens duráveis em até 25% iniciada em fevereiro por meio do Decreto nº 10.979, de 25 de fevereiro de 2022 e ampliadas para reduções de 35%, conforme o Decreto nº 11.055, de 28 de abril de 2022 pode estar provocando mudanças na confiança dos consumidores e incentivando a processo de retomada.

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 81,3%. Já a proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 17,4%. Na comparação com o grupo de renda, o nível pessimista em termos de pontos alcança as duas faixas de rendas, entretanto o impacto negativo é mais elevado para as famílias com menor renda. O índice para as famílias com renda acima

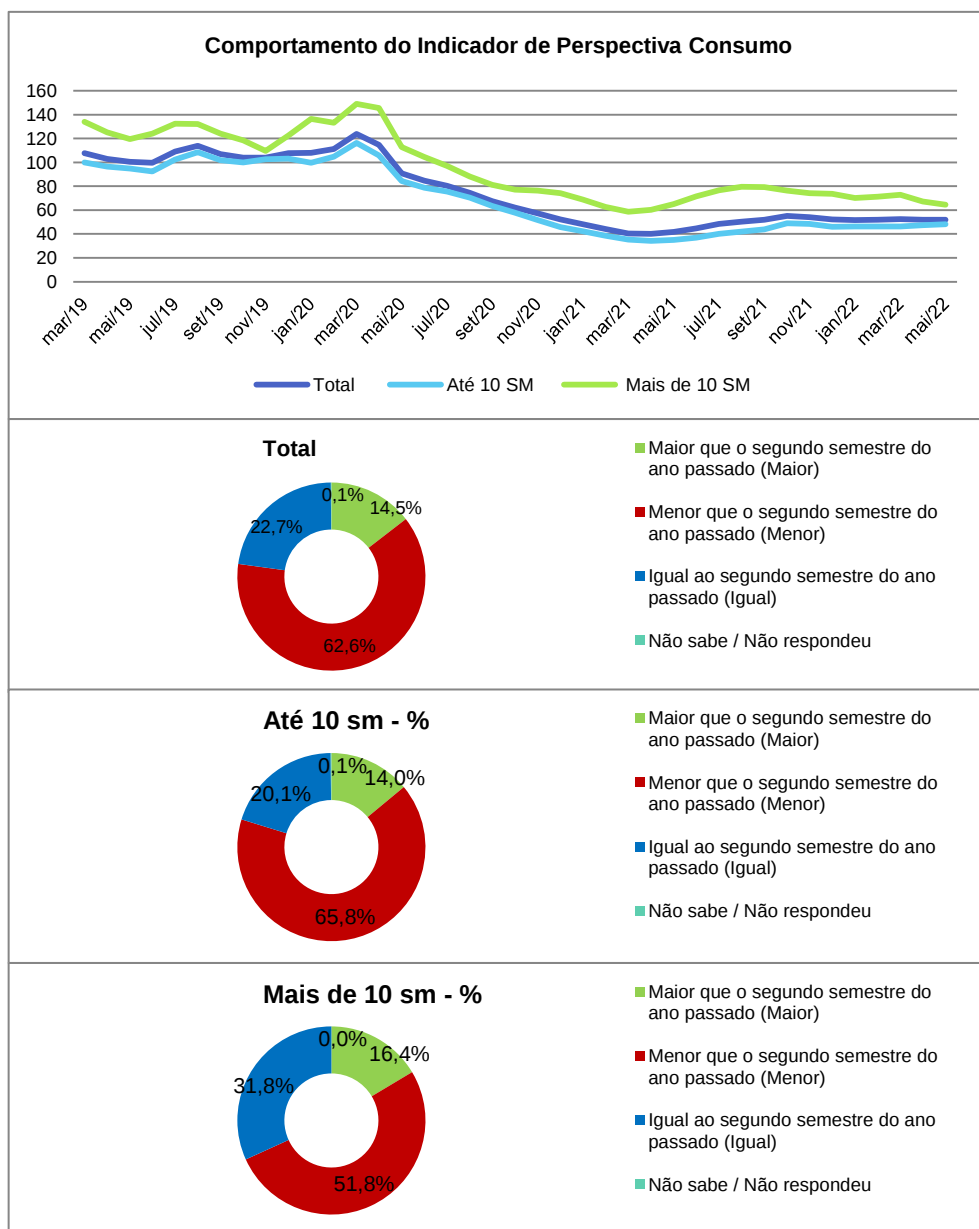


de 10 salários mínimos encerrou o semestre em 45,6 pontos, alta de 4,0% na passagem do mês, resultado que cessou trajetória de queda que era mantida desde agosto de 2021.

Já as famílias com renda abaixo de 10 salários mínimos, houve redução de 1,0% na passagem do mês, acelerando o ritmo de deterioração que é mantido desde fevereiro deste ano. O índice em valores absolutos para o grupo de renda menor ficou em 33,4 pontos em maio.

PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

A perspectiva de consumo reduziu 0,1% na passagem do mês, após retroceder 0,8% no mês anterior, essa é a segunda queda consecutiva no componente. No comparativo anual, o ritmo da recuperação é forte, ao crescer 24,2%. Além disso, a trajetória positiva na comparação anual é mantida por seis meses seguidos. Entre janeiro e maio deste ano, a média mensal de variação está negativa em 0,1%, condição equivalente ao mesmo período do ano anterior, quando a média foi de -4,2%.



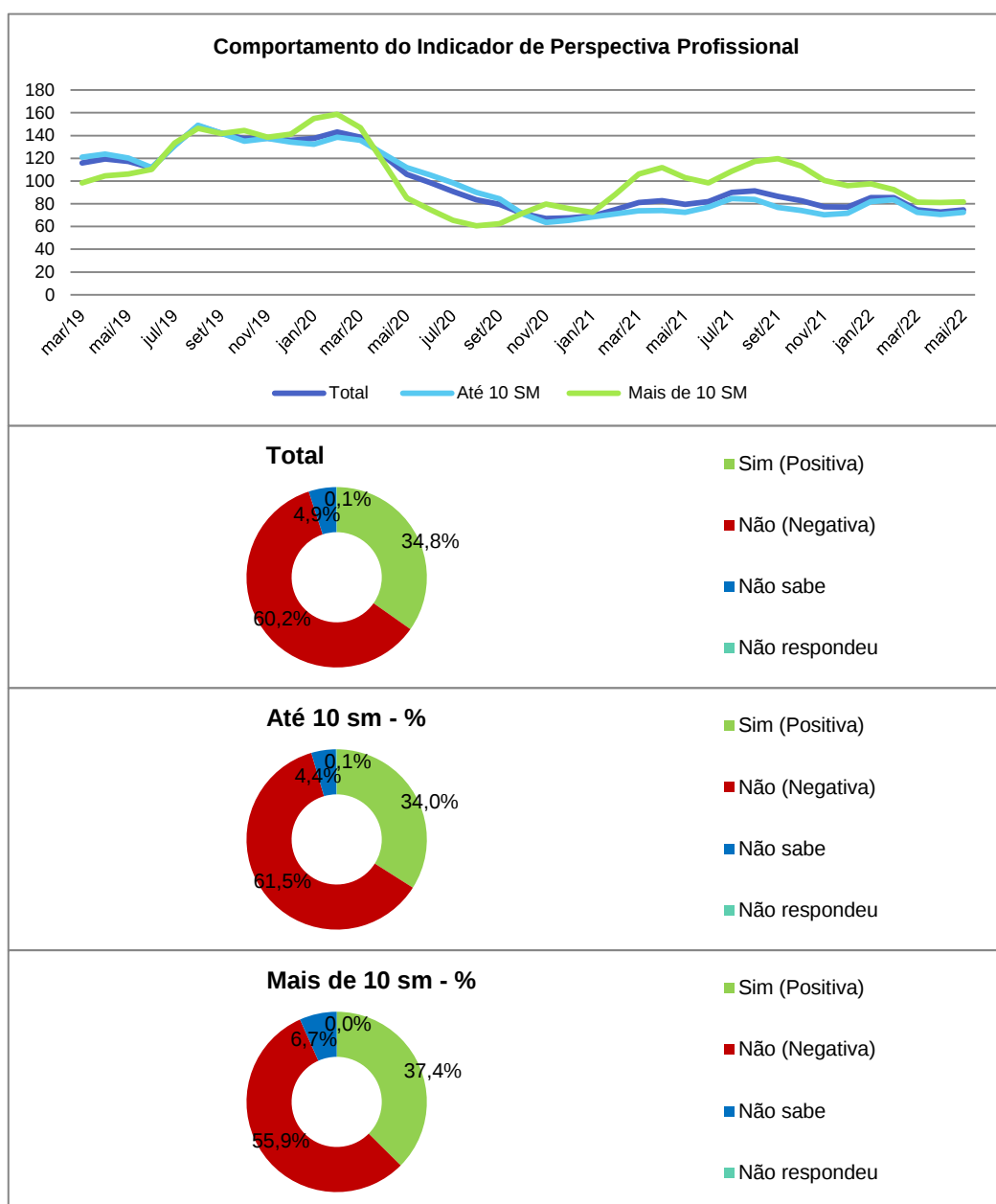
As famílias permanecem com nível de confiança sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice em termos absolutos, ao situar-se em 51,9 pontos. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses,

como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. Além disso, o índice está 53,3% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem.

Para 62,6% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, resultado similar ao mês anterior (62,5%). Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para

o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 65,8% das famílias têm previsão de consumo menor, enquanto 51,8% com renda maior afirmaram essa condição.

O indicador de perspectiva profissional cessou o movimento negativo, ao crescer 2,3% diante do mês anterior, após



queda de 2,2% em abril de 2022. Com o resultado, a variação mensal média do ano de 2022 até o mês de maio é negativa em 0,4%. Assim, o índice permanece inferior ao período pré-crise em 47,9%. A taxa negativa também foi apresentada no comparativo com igual período do ano anterior, redução de 6,1%. Portanto, a perspectiva profissional permanece em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 74,5 pontos.

A maior parcela das famílias (60,2%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em maio de 2022. Por outro lado, são 34,8% que acreditam em perspectivas profissionais positivas para os próximos meses.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Em maio de 2022, essa condição já foi revertida, além disso, o índice cresceu 0,5% na passagem do mês, mas permanece em nível pessimista considerando valores em termos absolutos, ao situar-se em 81,5 pontos.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao situar-se em 72,5 pontos. Ainda, o indicador cessou movimento de queda, ao crescer 2,9% diante do mês. Nessa faixa de renda menor, 61,5% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 55,9% indicam essa condição.

METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no

máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiampitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.